

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
NOME DO DEPARTAMENTO

MARIA HELENA MENEZES GARCIA

Direito à Cidade através das Rodas de Samba feito por mulheres: uma perspectiva da atuação
do grupo Samba Negras em Marcha na cidade de São Paulo

Right to the City through the Samba Circles made by women: a perspective of the performance of
the Samba Negras em Marcha group in the city of São Paulo

São Paulo
2022

MARIA HELENA MENEZES GARCIA

Direito à Cidade através das Rodas de Samba feito por mulheres: uma perspectiva da atuação do grupo Samba Negras em Marcha na cidade de São Paulo

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizeti
Giroto

São Paulo

2022

VERSO DA FOLHA DE ROSTO

[Ficha Catalográfica - Elemento obrigatório]

[Para elaborar a ficha catalográfica em pdf de maneira automática, [clique aqui](#)]

[Exemplo]

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A939t Autor, Nome do
 Título do do trabalho acadêmico: subtítulo sem
 negrito / Nome do Autor ; orientador Nome do
 Orientador. - São Paulo, 2015.
 98 f.

TGI (Trabalho de Graduação Integrado)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Normalização. 2. Trabalho acadêmico. I.
Orientador, Nome do , orient. II. Título

MARIA HELENA MENEZES GARCIA, **Direito à Cidade através das Rodas de Samba feito por mulheres:** uma perspectiva da atuação do grupo Samba Negras em Marcha na cidade de São Paulo. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas avós, Maria das Dores Menezes Garcia e Maria Helena Arruda Machado que, como muitas mulheres negras, foram o braço forte e a acolhida para seus filhos e netos. Agradeço à minha mãe, Marizilda Aparecida Machado Menezes Garcia pela minha vida, meu bem mais precioso e pelos primeiros passos no meu entendimento como mulher negra. Agradeço ao meu pai pelo amor à música, ao batuque e por ser, não somente o meu pai mas o de tantos outros na minha família.

Agradeço à minha tia Marilza Machado por me mostrar que a força nasce da docura e ao meu tio Jefferson Gonçalves pelo porto seguro e carinho. Agradeço meu irmão Luís Gustavo Machado Garcia por me mostrar a paixão pela vida e me sacudir para um novo amanhecer, agradeço minha irmã Marina Menezes Garcia por se permitir partilhar a vida comigo e mostrar que o amor é respeito, cumplicidade e também calmaria. Agradeço meus queridos amigos Thaís Avelar, Marcelo Vitale e Ewerton Talpo pelas trocas de alegria e conhecimento durante nossa caminhada e por estarem ao meu lado na construção desse TGI e ao professor Eduardo Donizeti Girotto por me orientar durante meu processo de escrita. Por fim, agradeço a todas minhas ancestrais de outrora e minhas amigas parceiras de agora, por eu ser quem eu sou e por estar onde estou

*“A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.”*

Conceição Evaristo

RESUMO

MARIA HELENA MENEZES GARCIA, **Direito à Cidade através das Rodas de Samba feito por mulheres:** uma perspectiva da atuação do grupo Samba Negras em Marcha na cidade de São Paulo. 2022. 32 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O presente trabalho visa abordar a criação de redes de relações entre mulheres negras na cidade de São Paulo a partir do universo musical, especificamente as rodas de samba formada apenas por mulheres, movimento que perdura ao longo dos anos mas vem tomando força desde os anos 2010. O intuito do projeto é destacar a importância desse movimento e suas consequências no que diz respeito ao bem viver feminino e a articulação entre as mulheres que vivenciam essas rodas de samba, tanto individualmente como coletivamente, ressaltando os desdobramentos desses encontros como, a melhora da auto estima, autonomia financeira, emocional, o fazer político e cultural, destacando a ocupação e circulação no espaço público e o sentimento de pertencimento das mulheres perante esses espaços que majoritariamente são entendidos como masculinos. Para representar esse movimento foi escolhido para a pesquisa contar a trajetória do grupo musical Samba Negras em Marcha, formado por mulheres negras atuante na cidade de São Paulo desde 2015. O grupo tem sua origem e sua base de atuação focados na militância de pautas como os movimentos de mulheres negras, LGBTQIA+, mulheres latino americanas entre outros e a partir de suas parcerias vêm construindo suas redes de apoio e relações.

Palavras-chave: Roda de samba. Mulheres negras. LGBTQIA+. Redes de relações. Espaço público.

ABSTRACT

MARIA HELENA MENEZES GARCIA, **Right to the City through the Samba Circles made by women:** a perspective of the performance of the Samba Negras em Marcha group in the city of São Paulo. 2022. 32 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The present work aims to approach the creation of networks of relationships between black women in the city of São Paulo from the musical universe, specifically the samba circles formed only by women, a movement that lasts over the years but has been gaining strength since the 2010s. The purpose of the project is to highlight the importance of this movement and its consequences with regard to female well-being and the articulation between women who experience these samba circles, both individually and collectively, highlighting the consequences of these meetings such as the improvement of self-esteem, financial and emotional autonomy, political and cultural activities, highlighting the occupation and circulation in public space and the feeling of belonging of women in these spaces that are mostly understood as masculine. To represent this movement, it was chosen for the research to tell the trajectory of the musical group Samba Negras em Marcha, formed by black women active in the city of São Paulo since 2015. black women's movements, LGBTQIA+, Latin American women, among others, and based on their partnerships, they have been building their support networks and relationships.

Keywords: Samba circles. Black women. LGBTQIA+. Relationship networks. Public place.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
HISTORICIDADE: SAMBA E O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE DE SÃO PAULO... ..	12
MULHERES NO SAMBA: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS NO OLHAR DO GRUPO SAMBA NEGRAS EM MARCHA.....	17
DESDOBRAMENTOS: DIREITO À CIDADE.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe discorrer sobre a atuação das mulheres, em especial as negras, no universo do samba na cidade de São Paulo, focando na problemática que foi e ainda é para adentrar esse espaço que até os dias de hoje é visto e entendido como um espaço masculino.

O ponto aqui é elucidar as rodas de samba feitas por mulheres que, principalmente a partir dos anos 2010, adquirem força dentro da cena musical do samba, ocupando diversos lugares e, junto com seu samba, gerando uma rede de relações entre as mulheres, tanto no âmbito pessoal como coletivo no que diz respeito à auto estima, autonomia financeira, emocional, o fazer político e cultural, ocupando e circulando no espaço público e se sentindo pertencente a ele.

Para revelar esse movimento dentro do samba e suas consequências no que diz respeito às mulheres negras, as mulheres no geral e seus desdobramentos na sociedade paulistana como um todo, foi escolhido apresentar a trajetória do grupo Sambas Negras em Marcha, fundado em 2015 por mulheres artistas e militantes principalmente nas pautas sobre negritude, feminismo e LGBTQIA+ atuante na cidade de São Paulo. Assim, durante o texto serão tratados temas como afirmação de identidade, gênero e direito à cidade, a partir da criação dessas redes de mulheres advindas dos encontros nas rodas de samba femininas e suas consequências.

Para o processo de construção do texto foi selecionada uma bibliografia com publicações que abordam os temas da formação do Brasil, com foco na cidade de São Paulo e com o recorte histórico do final do século XIX para virada do século XX, quando finda o modo de produção escravocrata, para a partir daí, discutir suas consequências e transformações no âmbito espacial, cultural e econômico na cidade de São paulo, principalmente no que diz respeito a população negra que ali se encontrava. As leituras também foram direcionadas em autores que abordam as estratégias utilizadas pela população negra no que diz respeito à preservação de sua cultura como forma de resistência e (sobre)vivência. Outro enfoque foram os textos sobre a cultura do samba especificamente e sua importância como veículo de comunicação, engajamento e interação da comunidade afrodescendente.

A experiência empírica pessoal nas rodas de samba como em outros coletivos geridos por e para mulheres também foi de extrema importância para a construção desse trabalho. Foi a partir desses encontros que surgiu a motivação e a bagagem para escolha do tema.

No capítulo I, Historicidade: Samba e o espaço público na cidade de São Paulo, será levantado e abordado os tortuosos caminhos que a população negra percorreu, começando pelo período do fim da escravidão, para firmar sua identidade e propagar sua ancestralidade como povo em contra ponto da política excludente e racista vigente na época na cidade de São Paulo e que perdura, utilizando-se de diferentes mecanismos, até os tempos atuais, esforçando-se para garantir o apagamento histórico do povo advindo de África e seus descendentes. A cultura do samba foi uma das ferramentas utilizadas para derrubar o apagamento histórico negro e através dele será construída a linha de

raciocínio do texto, destacando sua força de mobilização, interação entre as pessoas e comunicação.

Sua importância na comunidade como forma de expressão, como relato de vida, como revelador das impunidades e das transformações espaciais ocorridas na cidade de São Paulo, a história contada dentro do canto coletivo, nos espaços de vivência, na roda de samba.

No capítulo II, Mulheres no Samba: perspectivas contemporâneas no olhar do grupo Samba Negras em Marcha, será abordado a experiência das mulheres como fazedoras, tocadoras e compositoras do samba. Para isso, foi escolhido um grupo para relatar sua trajetória, a fim de proporcionar um panorama da realidade que as mulheres vivenciam no universo machista do samba. Para a escrita deste capítulo foi realizada uma entrevista com três integrantes do grupo Samba Negras em Marcha. A entrevista permeou por suas experiências antes do grupo, de como surgiu a idéia de tocar e por quê o samba, suas atividades no âmbito da militância, principalmente nas pautas do racismo, feminismo e LGBTQI+, a importância da constituição da roda de samba como forma de resistência e geradora de redes de fortalecimento entre as mulheres, suas parcerias e perspectivas, tanto no que diz respeito ao papel delas como motivadoras, impulsionadoras e referência para outras mulheres como as transformações geradas nos espaços por onde elas passam, resultado do empoderamento feminino.

O capítulo III, Desdobramentos: Direito à Cidade elucida o fazer do samba como força motriz para a construção de redes e empoderamento feminino, tanto de maneira simbólica quanto materializada nas territorialidades criadas pelas rodas de samba do grupo Samba Negras em Marcha.

Conclui que através do samba feito por mulheres é possível debater, revelar e combater diferentes contrastes sociais como o apagamento histórico, as lutas de classe, gênero e sexualidade. Por meio do encontro musical em diferentes espaços da cidade de São Paulo criam- se núcleos afro-femininos, abarcando diferentes demandas das lutas pelo bem viver das mulheres, formando assim, redes de apoio e comunicação para a criação e emancipação cultural, política e econômica advindas de uma perspectiva feminina, assumindo o papel das mulheres como agentes na construção social e espacial da cidade de São Paulo.

HISTORICIDADE: SAMBA E O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE DE SÃO PAULO

No início do século XX ainda era recente o processo da abolição da escravidão no Brasil. Havia passado apenas treze anos que a população negra no país era legalmente “livre”.

Durante anos foi propagado e estabelecido um processo de desumanização, dominação psicológica e física do povo negro no mundo. Os escravizados eram vistos apenas como propriedade. No Brasil essa lógica não foi diferente. Pelo contrário, foi o país que recebeu com maior intensidade a população negra retirada dos países africanos e onde perdurou por mais tempo o sistema escravocrata. A consequência dessa realidade criou cicatrizes que perduram e refletem modos racistas até hoje nas relações sociais brasileiras.

Mas a luta e a resistência pelo direito à vida, liberdade e perpetuação da cultura negra era uma realidade e um movimento constante desde a chegada dos primeiros escravizados em território brasileiro. A senzala, o mesmo espaço da prática da violência, do açoite, da desumanização também era o espaço da afirmação, da luta pela vida, da coletividade resistindo através dos costumes, crenças e celebrações. Segundo Rolnik (2007)

Porém, não eram só o olhar vigilante do senhor e a violência do trabalho escravo que estruturavam o cotidiano dos habitantes da senzala. Foi também no interior dessa arquitetura totalitária que floresceu e se desenvolveu um devir negro, afirmação da vontade de solidariedade e autopreservação que fundamentava a existência de uma comunidade africana em terras brasileiras. O confinamento na terra de exílio foi capaz de transformar um grupo - cujo o único laço era a ancestralidade africana-em comunidade (p.76).

Durante a segunda metade do século XIX, o movimento abolicionista intensificou-se. Como consequência, acarretou em um aumento de homens e mulheres negras que conseguiram suas alforrias, além de leis estabelecidas durante esse período por forças socioeconômicas geradas pela revolução industrial e encabeçada principalmente pela Inglaterra, como a Lei Eusébio Queiroz de 1850 que decretava o fim do tráfico negreiro e a Lei do Ventre Livre de 1871, na qual os filhos de mulheres escravizadas nasciam livres. Ainda segundo Rolnik (2007),

Em São Paulo, em 1872, dos 12 mil negros da cidade- ainda $\frac{1}{3}$ da população- apenas 3.800 eram escravos. No Rio de Janeiro, dos 125 mil pretos e pardos da cidade, apenas a metade da população total, eram 47 mil os escravos. (p.77).

Foi no meio urbano, nas cidades, onde o movimento abolicionista teve mais expressividade. Ali viviam a maior parte dos alforriados, gerando uma recente população negra “livre”. Essa nova condição transformou as relações sociais tanto dentro da comunidade negra como em âmbito geral. A “liberdade”, de certa forma, permitiu ao negro criar raízes nesse novo solo, se estruturar coletivamente, constituir laços familiares, comunidades, redes e fluxos sociais, propagando suas

tradições e marcando sua ancestralidade nos costumes da sociedade brasileira. Todas estas tradições, expressas espacialmente, vão configurar aquilo que Rolnik define como território negros:

É também nossa intenção, aqui, apresentar e discutir o próprio conceito de território urbano, espaço vivido, obra coletiva construída peça a peça por um certo grupo social, Assim , ao falarmos de territórios negros, estamos contando não apenas uma história de exclusão, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum. (ROLNIK, 2007, p.76).

Mas é importante destacar o lugar que a população negra foi posta nessa nova conjuntura socioeconômica do Brasil, principalmente nos centros urbanos. Os negros libertos permaneceram à margem do sistema industrial emergente. Muitos deles exerciam ofícios nos ramos de prestação de serviços como sapateiros, barbeiros e lavadeiras, ficando de fora dos trabalhos diretos gerados pelo sistema fabril.Como aponta Salomão (2005).

Aos olhos dos pequenos e grandes senhores os escravizados não poderiam ser nada além de “capital” desumanizado. Este capital é que mais tarde lhes permitiu desencadear no Brasil a inserção dos meios tecnológicos que, por vezes, são chamados de indústria. Logo esta passagem de uma para outra forma de produção em muito se deveu aos descendentes de africanos. De acordo com esta paradoxa da historiografia conservadora, alega-se que o “surgingimento do proletariado brasileiro”, ocorreu no alvorecer do século XX, negligenciando-se sistematicamente a presença numericamente superior de todo o contingente de trabalhadores negros e mestiços alforriados e livres durante toda a metade do século XIX. (p.15)

Apesar do forte racismo estrutural perdurar, as comunidades negras fortaleceram-se, várias delas emergidas nos subúrbios das cidades, especificamente na cidade de São Paulo. Essas comunidades cresciam, por exemplo, em bairros como o Bexiga, Penha de França e Barra Funda. Algumas eram herança de quilombos, como o do Bexiga originário do quilombo do Saracura. Eram estruturalmente concebidas e geridas como os terreiros de candomblé, religião elaborada em território brasileiro mas que cultua os Orixás de sua terra de origem em África. Como descreve Rolnik (2007)

Foi assim que o pátio da senzala, símbolo de segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade. A partir daí, o terreiro passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos- são terreiros de samba, de candomblé, de jongo que atravessam a história dos espaços afro-brasileiros nas cidades (p.77).

Nas primeiras décadas do século XX os espaços negros definidos na cidade de São Paulo permitiram o encontro e o nascimento de redes de relações entre essas comunidades, um fortalecimento do povo negro nas esferas econômica, política e cultural, principalmente com a fundação de agremiações carnavalescas, times de futebol e associações de bairro. Com isso, criou-se uma conexão entre os diferentes territórios negros existentes na cidade, como aponta Silva (2018).

carnavalescas e os times de futebol, travaram relações e conexões com outras agremiações negras da cidades de São Paulo, delineando trânsitos negros pela cidades, bem como compartilhando projetos de enaltecimento da população negra e de suas respectivas memórias (p. 12).

É importante destacar aqui a relevância da memória para a comunidade negra, podemos defini-la como o patrimônio da população que vivenciou a diáspora africana. Toda a bagagem e herança ancestral que resistiu a violência histórica foi preservada através da memória dos brasileiros descendentes de africanos. Seus bens culturais e materiais foram surrupiados por gerações, em uma tentativa de apagamento histórico que foi derrotado através da transmissão de saberes, por via da memória coletiva. Como aponta Salomão (2005).

memória deixa de ser apenas função psíquica ou terminologia de especialistas para habitar o cotidiano daqueles cujo o direito vital ao passado tem sido negado por impedimentos políticos, econômicos ou sociais (p. 41).

Essa memória coletiva foi transposta e materializada no espaço, no presente trabalho pensando particularmente na cidade de São Paulo, onde existiam fortes políticas públicas de exclusão da população negra dos centros urbanos para as margens da cidade, a periferia, além do projeto nacional de branqueamento da população durante a virada do século XIX para o XX intensificou-se. Tais políticas de urbanização e social, fizeram com que muitos dos “espaços negros” na cidade fossem destruídos junto com suas formas de sociabilidade. Para isso a população negra precisou rearranjar-se em novas configurações espaciais no processo de ocupação da malha urbana. O samba, como outras manifestações de origens afrodescendentes foram de extrema importância durante esse processo, muitas delas de caráter comunitário, como observa Amailton M. Azevedo (2017).

As redes culturais negras ancoradas em laços de amizade, associações carnavalescas, família, práticas religiosas e festivas se transformaram numa estratégia para manter saberes e fazeres no espaço urbano, já que a base de sustentação sócio cultural da população negra foi bastante instável em virtude do confronto com outras experiências culturais em virtude da discriminação racial, social e musical.

Para elucidar a relevância do papel do samba na construção e manutenção das territorialidades e relações sociais da população negra em São Paulo na primeira metade do século XX utilizaremos alguns relatos do compositor e cantor Geraldo Filme¹.

nessa época eu e o Zeca da Casa Verde entregávamos marmitas e quando passávamos pelo Largo da Banana víamos os negros mais velhos jogando tiririca, aquele jogo da rasteira, o samba duro e

¹ Geraldo Filme de Souza é compositor e cantor, nascido em São João da Boa Vista- SP, em 1928.

plantado lá nos morros cariocas. Aí fomos aprendendo com os mais velhos (Sic!), nos enturmando com eles até entrarmos de sola no samba. Com quatorze anos de idade na época, eu o Zeca e mais um grupinho de amigos, todos uniformizados de terno azul-marinho

O Largo da Banana citado por Filme foi um importante território do samba do início do século XX, localizava-se onde atualmente existe o viaduto General Olímpio da Silveira na avenida Pacaembu situada no bairro da Barra Funda. Lá os negros trabalhavam descarregando os trens e nas horas vagas também era um local de sociabilidade desses trabalhadores os quais se entretiam com conversas, samba, jogos e com a tiririca, um jogo de rasteiras semelhante a capoeira, como é ilustrado na música “Tiririca” de Geraldo Filme.

É tumba moleque tumba é tumba pra derrubar
 Tiririca faca de ponte, capoeira vai te pegar
 Dona Chica do tabuleiro quem derrubou seu companheiro
 Dona Chica do tabuleiro quem derrubou seu companheiro
 Abre a roda minha gente que o batuque é diferente
 Abre a roda minha gente que o batuque é diferente.

O Largo da Banana também foi palco para a fundação do primeiro cordão carnavalesco paulistano, O Grupo Carnavalesco Barra Funda que em 1914 passou a se chamar Cordão Camisa Verde, devido às vestimentas que utilizavam, camisas verdes, calças brancas e chapéus de palha. Posteriormente, em 1952, o grupo aderiu ao nome Camisa Verde e Branco, dando origem à famosa escola de samba. Mas devido a reestruturação urbana esse foi um dos símbolos territoriais negros apagados da história, pouco se conta sobre essa histórias e sua relevância no cenário social da cidade de São Paulo. Com o fim do Largo da Banana a comunidade negra ficou órfã do seu espaço de convivência e resistência precisando, mais uma vez rearranjar-se na disputa urbana, criando novos territórios para vivenciar e manter sua cultura, como cantou Geraldo Filme em seu samba “Vou Sambar Noutro Lugar”.

Fiquei sem o terreiro da Escola
 Já não posso mais sambar
 Sambista sem o Largo da Banana
 A Barra Funda vai parar
 Surgiu um viaduto, é progresso
 Eu não posso protestar
 Adeus, berço do samba
 Eu vou-me embora
 Vou sambar noutro lugar

As redes formadas pela comunidade negra, que se articulavam politicamente, economicamente, culturalmente principalmente através da religião, música e esporte, estava pulverizada em diversos bairros da cidade de São Paulo, se reinventando e criando bases para (sobre)viver e perpetuar sua

cultura e modo de vida. Como discorre Amailton Azevedo durante sua entrevista “Geraldo Filme: patrimônio do samba” concedida ao Itaú Cultural (2019).

É palpável essa comunidade negra de São Paulo, essa micro-África paulistana, na primeira República. É possível identificar onde ela se encontrava e quais eram as suas práticas: na Penha, no Bixiga, na Liberdade, na Baixada do Glicério, na região central, ali onde tem a Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paiçandu e vem se estendendo pela Barra Funda até o lado da linha do trem. Então, há um mapa da cultura negra atuante do ponto de vista da produção cultural.

MULHERES NO SAMBA: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS NO OLHAR DO GRUPO SAMBA NEGRAS EM MARCHA

Para traçar essa perspectiva do samba como parte e agente transformador do espaço público, formador de redes intelectuais, educacionais, financeiras e mantenedor de uma cultura ancestral na cidade de São Paulo será abordado nesse trabalho às transformações advindas das rodas de samba feitas apenas por mulheres, forte movimento que vem transbordando e se consolidando na cena artística paulistana, principalmente a partir de meados de 2010, muito pela inspiração de outras mulheres, nossas ancestrais, como Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus, Leci Brandão, Geovana entre muitas outras que nos iluminaram e ainda iluminam com suas vozes e histórias de vida. Outro exemplo dessa história de resistência é o grupo Pura Raça², considerado o grupo de samba formado apenas por mulheres mais antigo da cidade de São Paulo, atuante desde 1988. Mas na história das rodas de samba ao longo dos tempos muitas vezes o papel “permitido” às mulheres limitava-se ao de atuarem como cantoras e dançarinas, pegar um instrumento era, e muitas vezes ainda é, visto como uma afronta a esse universo ainda majoritariamente masculino.

A trajetória do grupo Samba Mulheres em Marcha será o foco para apresentar um panorama atual do samba feito por mulheres na cidade de São Paulo. As informações sobre a história do grupo foram relatadas em entrevistas concedidas por três de suas integrantes, Mara Lucia da Silva, Cinthia Abreu e Tâmara David, que contaram sobre suas histórias de vida anteriores à formação do grupo, a fundação e a caminhada até hoje de suas rodas de samba.



Integrante Cinthia Abreu



Integrante Mara Lucia da Silva



Integrante Tâmara David

A entrevista com as três integrantes do Samba Negras em Marcha ocorreu na tarde do dia 16 de janeiro de 2022. Devido ao momento pandêmico da COVID-19 optamos por um encontro virtual em uma sala de reunião na plataforma digital google meet, a entrevista começou por volta das 16 horas e durou aproximadamente 1 hora e 45 minutos.

² Fundado em 03 de julho de 1988, no Bairro do Jardim Nordeste, Zona Leste de São Paulo, nasce o Grupo Feminino Pura Raça, nome esse que traduz o sentimento dessas mulheres negras e periféricas de luta e resistência.

O roteiro da entrevista foi formulado com base nas temáticas abordadas nos textos da bibliografia apresentada neste TGI, pela experiência de vivenciar algumas das rodas de samba do grupo e pelo convívio de longa data que tenho com as integrantes. Ao final da elaboração do roteiro o professor Eduardo Donizeti Girotto avaliou positivamente as questões escolhidas e assim ocorreu a entrevista na data marcada.

Foram estabelecidas treze perguntas com o intuito de abranger a trajetória e experiência de Mara, Cinthia e Tâmara, não apenas como fundadoras e participantes do Samba Negras em Marcha, mas também suas experiências de vida anteriores ao grupo. Apesar de acreditar estar estabelecendo uma linha temporal na sequência das perguntas a entrevista fluiu de forma diferente, como uma conversa que vai revelando histórias, encontros, parcerias e surpresas a cada instante, iniciando com a criação do movimento Negras em Marcha e a partir daí, desaguando ora em um relato linear rumo aos passos seguintes, ora buscando o passado para conectá-lo a esse presente, mas sempre garantindo que todas as perguntas do roteiro e os relatos das participantes fossem contemplados.

No final de 2014, a integrante Mara participou da 4º Conferência Racial. Nesse encontro foi decidido realizar um evento nacional dedicado às mulheres negras, a “Marcha das Mulheres Negras” com destino à Brasília. Mara e Cinthia estão efetivamente engajadas em vários movimentos de militância, das mulheres negras, lésbicas e bissexuais e são participantes há 15 anos da Marcha Mundial das Mulheres. Como afirma Cinthia, “A militância sempre esteve em nosso norte”.

O mês de maio de 2015 foi a data tirada para acontecer a Marcha das Mulheres Negras, mas foi prorrogada para 18 de novembro do mesmo ano, data que efetivamente ocorreu o evento. Foi um encontro grandioso, com mulheres participantes vindas de várias regiões do Brasil, de São Paulo saíram cinco ônibus e um avião só com mulheres negras rumo à marcha para Brasília, embaladas ao som da Mc, DJ, produtora musical e ativista Luana Hansen, que compôs a música tema para evento, Negras em Marcha³.

Lutando por suas terras oh mulheres quilombola
 Trazendo a ancestralidade em cada aurora
 Marchamos mulher negra contra o racismo e violência
 Pois todas nós juntas sim fazemos a diferença (trecho da Música Negras em Marcha,2015)

Em 18 janeiro de 2015 ocorreu a primeira plenária para a organização da Marcha das Mulheres Negras na Casa do Professor, na rua Bento Freitas, número 71. A plenária contava com mais de 100 mulheres

³ <https://www.youtube.com/watch?v=p6kRqzpoo3k>



Grupo Samba Negras em Marcha

As organizadoras fizeram um chamado para que as participantes levassem seus instrumentos musicais no dia da plenária e foi a partir daí que a atual integrante do grupo, Tâmara, foi acionada. Tâmara pertence ao meio artístico e militante, graças ao incentivo de seus pais que participavam de diversos movimentos, seus primeiros passos foram em Belo Horizonte - MG como atriz, sua terra natal. Quando chegou em São Paulo para morar com a tia no bairro da Vila Madalena, começou a trabalhar como garçonete e na portaria de alguns bares da região. Com isso, entrou no universo do samba atuando como cantora.

Atuante nas rodas de samba, ela foi uma das escaladas para organizar o samba pós plenária. Ao final do encontro todas essas mulheres marcharam em bloco com seus instrumentos para o bar Mr Cult, localizado na praça Roosevelt. Foi um verdadeiro acontecimento, nem as organizadoras da plenária e nem o dono do bar estavam preparados para o evento que estava acontecendo naquele momento. O bar ficou lotado como nunca antes. Foram 179 comandas ao mesmo tempo, lotando a calçada, fechando a rua e acabando com a cerveja.

Como foi relatado pelas integrantes, a ideia inicial nunca foi fazer um grupo de samba, era para acontecer só naquele momento como uma forma simbólica de fechamento daquele primeiro e grande passo para a Marcha das Mulheres Negras. Além da alegria, da sensação de pertencimento construído coletivamente por mulheres negras através de um bem comum e ancestral, durante o encontro surgiu um lindo e motivador depoimento de uma senhora que estava presente: “tenho 64 anos, estou muito feliz por ver um grupo só de mulheres tocando, achei que fosse morrer e não ver

“isso”. Essas palavras reverberaram nas cabeças daquelas ali tocando, realizando, compartilhando e vivas.

Depois desse episódio, a notícia correu como pólvora e foi de entendimento geral que elas realmente eram um grupo de samba. A partir desse momento surge o primeiro convite, tocar em um barzinho. A primeira reação foi não aceitar, pois elas acreditavam não fazer parte da proposta do coletivo, o de resistência e fortalecimento de outras “manas”. Mas havia sim um propósito para essa apresentação. Foi explicado que um terreiro de Iansã precisava de ajuda financeira por conta de alguns problemas existentes e essa seria a finalidade da arrecadação. Então elas aceitaram e a apresentação ocorreu em Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo.

Não demorou muito para chegar o segundo convite. Dessa vez feito pelo Ilú Obá De Min⁴ (Mãos femininas que tocam tambor para Xangô⁵), bloco carnavalesco de rua e associação paulistana de matriz afro-brasileira com a bateria formada apenas por mulheres. É importante salientar aqui a ligação, respeito e parceria entre o bloco O Ilú Obá De Min e o Samba Negras em Marcha: existe um “intercâmbio” entre suas participantes. Por exemplo, Tâmara fez parte do naipe do djembe e, posteriormente, do naipe de voz, no qual também foi coordenadora, e algumas mulheres que participaram do samba foram para o Ilú Obá.

O convite era participar da festa para arrecadação de fundos para o Terreiro de Xangô, terreiro em que o Ilú está assentado e tem a frente Mãe Dida.

Como relata Cinthia, uma das fundadoras do Ilú Obá, Adriana Aragão, que estava presente no dia da festa, chegou para ela e informou que a quantia arrecadada no evento eram exatamente os números do orixá Xangô.

Outro importante evento ocorrido naquele momento foi a apresentação na Caminhada das Mulheres Lésbica e Bixessuais de São Paulo. A roda ocorreu no Aparelha Luzia⁶, espaço cultural e político de pessoas negras, definido como Quilombo Urbano. Os frutos desse encontro foram uma parceria direta com o Aparelha Luzia, com apresentações agendadas para todas as primeiras sextas do mês entre diversos encontros e trocas com outros coletivos, artistas e militantes que frequentavam a casa, fortalecendo e gerando novas e já existentes redes.

A partir das constantes apresentações no Aparelha Luzia começou a se criar uma identidade artística e de repertório para o grupo Samba Negras em Marcha. Por conta de todos esses eventos políticos e artísticos, as três integrantes consideram o ano de 2015 como sendo um divisor de águas, tanto para o grupo como para o movimento das mulheres negras como um todo.

⁴ O Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra é uma associação paulistana, sem fins lucrativos, que tem como base o trabalho com as culturas de matriz africana, afro-brasileira e a mulher. Foi fundado pelas percussionistas Beth Beli, Adriana Aragão e Girlei Miranda em novembro de 2004, tornando-se pessoa jurídica em 2006.

⁵ Xangô é um Orixá (entidade) cultuado pelas religiões afro-brasileiras, considerado deus da justiça, dos raios, dos trovões e do fogo, além de ser conhecido como protetor dos intelectuais.

⁶ Aparelha Luzia é um centro cultural, político e quilombo urbano localizado na rua Apa, 78 na região central São Paulo. Idealizada pela Deputada Estadual Erica Malunguinho, a casa serve como laboratório e residência de artistas, educadores e educandos de vários segmentos.



Apresentação na Aparelha Luzia

Como elas mesmas explicam, o grupo Samba Negras em Marcha tem um “núcleo duro”, as integrantes iniciais, mas a roda é sempre aberta para as mulheres que queiram participar. Elas relatam que houve roda com mais de vinte mulheres tocando e cantando.

Para manter a roda tocando e percorrendo os espaços pela cidade sem perder o foco do ideal maior do coletivo, o fortalecimento das mulheres e de espaços de encontro com suas militâncias, proporcionando um lugar seguro de troca, elas passam por um processo constante de amadurecimento, consolidação e organização, tanto quanto roda de samba como coletivo engajado em seus propósitos. Uma parte importante no processo de manutenção dos ideais do grupo é referente à escolha do repertório musical apresentando canções falando sobre a valorização da mulher, a cultura afro diáspórica, como a cultura de terreiro e a luta contra o racismo, sempre priorizando o posicionamento político do coletivo, como argumenta Tâmara David.

Quanto a escolha do repertório, nossa música é de resistência por excelência, mas também tocamos coco, samba rock, a gente vai transitando por outros lugares e dialoga com o rap, com o funk. Sabemos de que lado da trincheira e da corda a gente tá.

A escolha do repertório está ligada diretamente com a transitoriedade das integrantes, definido pelo grupo como uma roda viva, cada vez que chegam novas mulheres na formação chegam novas músicas que atravessam esses corpos, tornando o grupo um espaço aberto para sugestões, diálogos e

apresentando novas composições de amigas e parceiras, como cita Mara.

Além desse recorte de Samba de Mulheres nós também temos uma questão de dar espaço para nossas amigas compositoras, para nossas companheiras, então algumas composições que nós gravamos foram presentes das nossas companheiras que são compositoras. Faço essa referência, de que nossa roda não é só quem tá no palco

Mas elas não negam a existência de algumas músicas chaves que não saem do repertório, sempre pedidas e de forte representatividade para o grupo, um exemplo é a canção Zé do Caroço composta por Leci Brandão⁷ em 1978 que conta a história verdadeira de José Mendes da Silva, líder comunitário da favela Morro do Pau da Bandeira localizada no bairro de Vila Isabel no Rio de Janeiro, que utilizava o sistema de alto falante para se comunicar com a comunidade. A música foi censurada na época da ditadura e só veio a ser gravada no ano de 1985 e até hoje é tocada e regravada por diversos artistas. Leci Brandão explica essa identificação das pessoas com sua música na entrevista concedida ao canal Imperator Centro Cultural João Nogueira⁸ - “Dedico essa música a todos os líderes comunitários desse país, é a música da comunidade, é a música do povão, é a música que todo mundo conhece”.

As entrevistadas também destacam a importância da roda de samba como um espaço de encontro, nas rodas as mulheres têm a oportunidade de se conhecerem como indivíduos, compartilharem suas vivências, seus trabalhos, projetos, perspectivas, proporcionando eventuais parcerias, a formação de outros coletivos e grupos, tanto no âmbito musical como em outras vertentes como afetiva, profissional e de militância. Elas afirmam o quanto é empoderador os encontros das mulheres de diferentes gerações, com diferentes histórias de vida, diferentes classes sociais, e vindas de diversas regiões da cidade de São Paulo para vivenciar o samba, de como essa coletividade, que transborda ao “núcleo duro” de quem está tocando o samba, surge como um catalisador para gerar novas redes de apoio às mulheres negras e do universo LGBTQIA+, principalmente no que diz respeito a auto estima delas e suas potencialidades, reverberando novos projetos feitos por elas e fortalecendo os já existentes. Como descreve Mara durante a entrevista: “Uma das coisas que a Marcha proporcionou é que existia muitas mulheres pretas de várias regiões de São Paulo fazendo muita coisa bacana e de alguma forma conseguimos puxar essas mulheres”. A formação da equipe técnica e de produção do Samba Negras em Marcha é o próprio exemplo da consolidação e força da rede entre mulheres, todo o trabalho extra palco é gerenciado e feito por mulheres, desde técnica de som, fotógrafa entre outras funções. afirmam que essa escolha deve-se à crença delas na força matriarcal que envolve todas nós

⁷ Leci Brandão da Silva nascida em 1944 na cidade do Rio de Janeiro, é cantora, compositora, percussionista e deputada estadual pelo PCdoB. Foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, integrante do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

⁸Centro Cultural público inaugurado em 2012 e localizado no bairro Méier, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

com o objetivo de fortalecer as nossas.

Mas durante esse percurso da militância através do samba feito pelo Samba das Mulheres Negras existiram e ainda existem muitos percalços, um dos principais é conseguir tornar o espaço físico, no qual ocorrem as rodas, um lugar seguro para elas e para as mulheres da platéia, um espaço para se sentirem confortáveis e a vontade para tocar e viver o samba. Como descrito até aqui, no grupo Samba Negras em Marcha apenas mulheres podem tocar na roda e um dos principais problemas que elas encontram nas apresentações é o desrespeito de alguns homens entrando na roda, muitas vezes pegando os instrumentos sem nenhum pudor e “atropelando” o samba e o ideal principal da roda feita por elas. Durante a entrevista as integrantes revelaram vários episódios desse caráter como apontado por Mara

No começo das nossas rodas, nós tivemos a situação do rapaz chegar no intervalo e pegar o instrumento e a gente vai lá e fala -olha, desculpa, você não pode tocar o pandeiro, e o rapaz responder - só vou brincar. Não, aqui não, aqui é uma roda de mulheres.

Outra situação foi um rapaz pedir para a namorada pegar o instrumento, ela pediu para entrar na roda e foi aceita, como fazemos com todas as mulheres, mas quando pegou o instrumento passou para o namorado tocar. Paramos o samba na hora para tirar o rapaz.

Isso impulsionou muitas mulheres lésbicas e negras para enfrentar esse universo de São Paulo machista que encara a participação das mulheres enquanto corpo dançando, sambando, possibilita o espaço delas cantarem mas não dá espaço nas rodas de samba para tocarem e a gente faz exatamente esse confrontamento.

Consequentemente, por falta desse respeito vivenciado algumas vezes nas rodas de samba, uma das preocupações é quanto à escolha do local para tocar, com o intuito de se preservarem, não se exporem a diferentes tipos de violência e tentar proporcionar um lugar de convívio seguro para as mulheres presentes. Elas apontam o ato de trazer o debate político para a roda de samba sendo o maior suporte para superar tais situações de desrespeito como esclarece Cinthia.

Internamente ele possibilita mais segurança quando a gente traz a política e o debate político para dentro do samba...quando têm essas provocações a gente não está sozinha, a gente já tem uma forma de lidar muito precisa, os olhares já estão atentos.

O enfoque político enraizado na matriz do Samba Negras em Marcha advém do caminho percorrido por suas fundadoras. Para entendermos a veia principal da militância nas diretrizes do grupo é necessário resgatar parte das histórias pessoais dessas integrantes, principalmente referindo-se a construção de suas identidades como mulheres negras, como aponta Mara.

Aí entra outra questão, do apagamento de nossa história enquanto uma referência trazida do povo preto, que vem de África, dessa construção que muita de nós, apesar de sermos negras, não tivemos essa referência e tivemos que buscar na rua. Eu falo isso por experiência própria, porque

eu elaborei muito minha negritude a partir do momento que eu entrei no Ilú Obá de Min em 2005, quando eu conheço um grupo de mulheres que tocavam instrumentos e ritmos do candomblé no meio da rua e ali para mim, quando vi aquilo, foi amor à primeira vista , eu quis entrar , quis fazer parte. Então me falta muito essa construção e um dos motivos de ser tão apaixonada pelo samba é esse lugar de resgate, de ser nosso espaço, um lugar nosso enquanto mulher preta e também podemos ter felicidade, acessar a cultura, que tem outros caminhos e que temos de estar em todos os lugares.

A integrante Tâmara também relata seu processo para construir sua identidade negra desde suas primeiras experiências no núcleo familiar em Minas Gerais até sua chegada em São Paulo, onde vive e atua artisticamente e politicamente hoje.

Eu também passei pelo Ilú Obá de Min e vim do grupo Teatro Negro e Atitude, então na verdade a minha primeira casa foi o teatro. Minha relação com o samba em Belo Horizonte era muito sutil, então minha construção como artista e cidadã parte do teatro e já com esse recorte da identidade negra, as pautas raciais já passavam por mim, já eram um pressuposto. Meus pais eram separados, mas os dois sempre estiveram ligados à militância de esquerda, então essas questões de ocupar a rua, de ocupar o espaço público sempre foi algo que me nutriu. Cheguei em São Paulo em 2005 e vi meu primeiro carnaval do Ilú em 2008, quando encontrei uma pequena chamada no jornal anunciando e falei: gente, isso sou eu, fui no cortejo e grita assim: Ano que vem estou aí, então arrumei um djembe⁹ emprestado para tocar e saí pela primeira vez com o Ilú no carnaval com a temática Do Aiyê ao Orum¹⁰

No carnaval seguinte, Tâmara passou para o naipe de vozes do Ilú no qual também tornou-se coordenadora junto com a artista Nega Duda¹¹, surgindo um forte laço de amizade entre as duas. Como afirma Tâmara, Nega Duda é uma grande e importante referência para a história do samba, principalmente difundindo o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e desenvolvendo o Ekan de axé com o grupo que criou, o Samba de Roda Nega Duda. Nega Duda explica seu amor e propósitos com o samba em uma entrevista concedida à revista Raça com texto elaborado por Maitê Freitas.

Sambadeira samba porque samba, samba por amor. o samba muitas vezes é o jeito que a mulher da minha terra encontrou para passear, sair de casa, se expressar, dançar e cantar. Muitas vezes, essa mulher vive um dia a dia de violência, de dor, de muito trabalho, marido alcoólatra... e o samba é um lugar onde ela pode ser diferente e a possibilidade de conhecer outros lugares, pessoas. (2016, ed.189)

É importante ressaltar aqui a forte ligação e parceria que as três integrantes do grupo Sambas Negras em Marcha têm com o bloco Ilú Obá de Min. O bloco exerce um papel fundamental nessa dinâmica em gerar espaços de encontro e proporcionar a formação de novas redes de apoio entre as mulheres na cidade de São Paulo, inclusive no que diz respeito à autonomia e confiança para tocarem seus

⁹ Djembê é um tipo de tambor originário da Guiné na África Ocidental

¹⁰ Aiyê: palavra yorubá que em sua mitologia é a Terra ou o mundo físico/ Orum: palavra de origem yorubá que em sua mitologia é o céu ou o mundo espiritual

¹¹ Ducineia Cardoso nascida em São Francisco do Conde-Bahia em 13 de maio de 1968, referência do Samba de Roda Baiano criou o Samba de Roda Nega Duda, coordenadora e cantora do naipe de vozes do Ilú Obá de Min

instrumentos.

Os ensaios do Ilú Obá ocorrem em espaços públicos ou de acesso público e já percorreu algumas territorialidades da cidade, mas durante um longo tempo o endereço dos ensaios foram o Vale do Anhangabaú e, ironicamente, a Praça do Patriarca, ambos no centro de São Paulo. Como forma de respeito coletivo e de garantir a segurança das integrantes e do público em geral, não é permitido o consumo de bebidas alcoólicas antes e durante os ensaios, no entanto, no pós ensaio as participantes se reuniam no bar Chapéu de Couro, situado na rua Formosa no Anhangabaú, para formar uma roda e continuar o samba, muitas vezes encabeçado pela saudosa Bel França, tanto era a potência e identificação desse espaço como local de pertencimento dessas mulheres que o bar ficou conhecido como o Bar do Ilú e desses encontros emergiram diversas histórias, projetos e fortalecimentos.



Samba Negras em Marcha com participação de Nega Duda

A caminhada do Samba Negras em Marcha é construída por diversas outras parcerias, principalmente com o propósito maior do fortalecimento entre mulheres negras e lésbicas. Muito da agenda do grupo é realizada com base nessas pautas e desde sua formação em 2015 o grupo segue esse norte. Podemos citar algumas parcerias como, o centro cultural Aparelha Luzia no qual foram realizados vários eventos de cunho militante e de fortalecimento, por exemplo o evento para arrecadar fundos a artista visual e graffiteira Nene Surreal¹² para participar de um festival na cidade de Recife. Em outro momento, as integrantes do Samba Mulheres em Marcha descrevem com orgulho, tiveram a honra de

¹² Nene Surreal nascida em 1967, Mulher preta, periférica, mãe, avó, lésbica, grafiteira, artista plástica, educadora social e artesã. Ganhadora do Prêmio Sabotage em 2016, participou do documentário Mulheres Negras: Projetos de Mundo. No Dia do Graffiti, em 2018, foi homenageada por seus trabalhos.

tocar na Aparelha com a presença ilustre da escritora Conceição Evaristo no meio da roda.

As parcerias florescem durante a trajetória do Samba Negras em Marchas, promovendo e participando de diversos eventos em diferentes localidades da cidade de São Paulo e fora dela, como a Feira da Economia Feminista e Solidária organizada pela Associação de Mulheres da Economia Solidária e Feminista (AMESOL) e Superviva Organização Feminista (SOF) realizada no Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, no qual o samba tocou. Também apresentaram-se no Centro de Cultura Social da Favela Vila Dalva.

Organizaram o evento Mulheres Negras em Busca da Dignidade de Todas, realizado no bairro da Liberdade em prol das mulheres em situação de prostituição na região da Luz, a arrecadação foi destinada a Organização Mulheres da Luz, organização que têm laços fortes e estreitos com o Samba Negras em Marcha. Essa parceria também rendeu o Samba Solidário, juntamente com a Cooperativa de Catadoras da Granja Julieta, que pertence ao distrito de Santo Amaro. O objetivo do samba foi arrecadar dinheiro para refazer o galpão da cooperativa, pois sua sede foi criminosamente incendiada para forçar sua retirada do bairro definido como “nobre”.

Participação no Sarau das Rosas organizado pelo coletivo Levante Mulher e realizado no bairro Jardim Peri Peri, na Zona Oeste de São Paulo. A Samba Negras em Marcha também tiveram sua presença confirmada no Samba da Laje e no Berço do Samba, espaço que tem como matriarca Tia Cida, localizado em São Mateus, zona Leste. Poderíamos citar vários outros encontros e parcerias no processo e difusão dos ideais do grupo Sambas Negras em Marcha, como o próprio grupo diz

É um ponto de encontro de várias frentes lideradas por mulheres, como a “Sarrada no Brejo”, o Ilu Oba de Min, o Levante Mulher, o Sarau Manas e Monas, a Coletiva Luana Barbosa, Kazungi e Luana Hansen, onde somamos no que fazemos de melhor: resistir e promover a visibilidade de mulheres que tiveram suas memórias apagadas da história através de uma das manifestações musicais que mais representam o Brasil. (Samba Negras em Marcha, 2015)



Samba Negras em Marcha e Levante Mulher



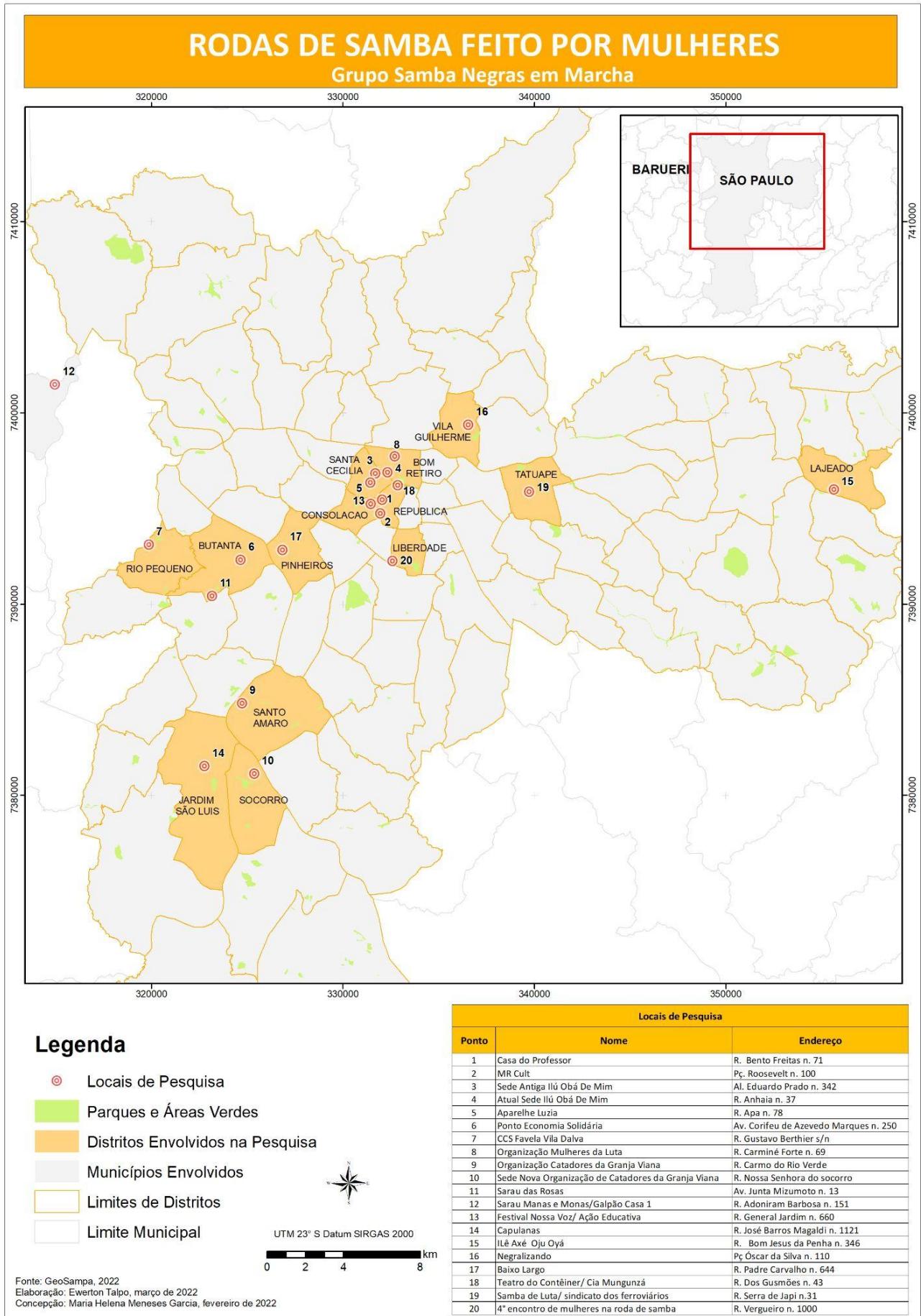
Parceria com Lakitas Sinchi Warmis na Ação Educativa



Espetáculo “Fui Feita Pra Vadiar”, Auditório do Ibirapuera.



Parceria Quilombo Santa Rosa e Aparelha Luzia



DESDOBRAMENTOS: DIREITO À CIDADE

Sankofa¹³

Mãos negras
 Forjam o coração de metal
 Ògún Iyè
 Labaredas dobram a liga
 Reacendem o que foi renunciado, privado e esquecido
 Pés firmes, fincados em nossa terra mãe
 Povo Akan e seus saberes
 Povo Ashanti e seus dizeres
 O pássaro volta os olhos ao passado
 Quem não sabe da onde veio, não sabe para onde vai
 Olhos espelhos, revelando quem fomos e quem somos
 Reconhecendo em nossas faces cada gota ancestral
 E assim, nos lançamos em revoada
 No futuro agora, tempo rei
 Semeando a cultura de África
 Pássaros vivos
 De altos voos e pé no chão¹⁴

¹³ Sankofa: ideograma Adinkra do povo Akan, África Ocidental. Segundo Abdias do Nascimento, o conceito representado pela sankofa traduz-se por “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”

¹⁴ Música composta por Maria Helena Menezes Garcia e Janaina Gisele.

O presente trabalho propôs apresentar uma geografia de muitas resistências, revelando a construção de novos “territórios negros” e a manutenção dos já existentes através da perspectiva feminina tendo como norte a trajetória do grupo Samba Negras em Marcha, formado por mulheres negras, LGBTQIA+ focadas em suas militâncias coletivas.

Durante o processo de pesquisa, escrita, entrevista, como da experiência empírica nas rodas de samba e no convívio em diferentes espaços com as integrantes do grupo, revelou-se uma forte rede de resistência e apoio entre as mulheres que interligaram o fazer do samba às diferentes pautas como, a luta racial, de gênero, classe, sexualidade, religiosa e o direito à cidade.

Como, tradicionalmente, mais uma vez o samba se mostrou um forte aliado e uma eficaz manifestação cultural que proporciona o encontro reverberando, através de suas letras e batuque, a história de um povo, suas angústias, alegrias, sua forma de existir e as transformações socioculturais e territoriais de uma cidade, especificamente aqui, a cidade de São Paulo.

A caminhada do grupo Sambas Negras em Marcha é um exemplo do embate contra a precarização das vidas de mulheres negras e LGBTQIA+, da luta pela ocupação dos espaços públicos e toda bagagem simbólica que tais espaços carregam, da manutenção e criação de novas territorialidades negras, as quais as mulheres possam sentir-se pertencentes e seguras. Espaços agregadores, de formação, de criação de novos engajamentos e propostas, tanto no âmbito político, econômico como cultural.

São nesses espaços e encontros que a rede de mulheres negras materializa-se, na roda de samba na Aparelha Luzia, nos ensaios do Ilú Obá De Min, na Associação das Catadoras da Granja Viana, nas parcerias com o Levante Mulher, ONG Mulheres da Luz, grupo Nzinga, Capulanias Cia. de Arte Negra, Sarau Manas e Monas, Samba Solidário, projeto Salve Quebrada, projeto A Mão que Bate o Tambor é Feminina entre outros. Grandiosas parcerias que assumem e afirmam a possibilidade de um fazer feminino na cidade de São Paulo como em outras territorialidades.

Preservando e difundindo uma herança ancestral matriarcal, destacando nossas representantes femininas, que ao longo do tempo deixaram sua marca na história, muitas vezes apagadas por um sistema patriarcal, branco hegemônico. O show “Fui Feita Pra Vadiar” é um exemplo desse cuidado com a história das mulheres, no caso, representantes do samba. Seis grupos de samba femininos formaram uma grande roda no auditório do Ibirapuera para cantar e homenagear as rainhas do samba, aquelas que vieram antes, abriram as portas e encorajaram o samba feminino que conhecemos hoje.

A partir das rodas de samba feitas por mulheres a história é contada e marcada pela perspectiva feminina, uma ocupação de mulheres no espaço público, construindo novas territorialidades de pertencimento e significados. É justamente na disputa de tais espaços, especialmente nas rodas de samba, que os devires negros femininos e periféricos circulam por essa cidade, constituindo outras maneiras de existir nela, atentando para a centralidade das mulheres negras na constituição e funcionamento da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. M. **Protagonistas Negros do Samba de São Paulo: vida comunitária, arte e racismo.** Revista de História e Estudos Culturais, São Paulo, vol. 14, 2017.
- BELO, V. L. **O Enredo do Carnaval nos Enredos da Cidade. Dinâmica Territorial das Escolas de Samba em São Paulo,** São Paulo, 2008.
- DOZENA, A. **As Territorialidades do Samba na Cidade de São Paulo,** São Paulo, 2009.
- FREITAS, M.O. **Vozes Escritas: feminismos negros e estudos culturais em Sambas Escritos.** São Paulo, 2019.
- ROLNIK, R. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro.** In.: SANTOS, R. E. (org). **Diversidade, espaço e relações étnicos-raciais. O Negro na Geografia do Brasil.** ed. Autêntica, 2007.
- SANTOS, A. A. O. **O “batuque dos engraxates” e o jogo da “tiririca”: duas culturas de rua paulistana,** Natal - RN, 2013.
- SILVA, M. V. T. **Territórios Negros em Trânsito : Penha de França-Sociabilidades e Redes Negras na São Paulo do Pós-abolição.** São Paulo, 2018.
- SILVA, S. J. **Memórias Sonoras da Noite: Musicalidades Africanas no Brasil Oitocentista.** São Paulo, 2005.
- SILVA, Z. L. **Mulheres negras nos carnavais paulistanos: quem são elas? (1921-1967).** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 26, 2018.
- Conceição Evaristo. **Literafro- O Portal da Literatura Afro- Brasileira,** 2022
Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>
- Espetáculo “Fui feita Pra Vadiar”, **Fernanda Maria Filmmaker,** 2019.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9Fuj6dInAw>
- FAUSTINO, O.. Largo da Banana. **Revista Raça,** 2016.
Disponível em: <https://revistaraca.com.br/largo-da-banana/>
- FREITAS, M.. A História da Nega Duda. **Revista Raça,** 2016
Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-historia-da-nega-duda/>
- Geraldo Filme: patrimônio do samba. **Itaú Cultural,** 2019.
Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/geraldo-filme-patrimonio-do-samba>
- Grupo Feminino Pura Raça. **Empodera Samba,** 2020.
Disponível em:
<https://empoderasamba.com.br/not%C3%ADcias/f/grupo-feminino-pura-ra%C3%A7a?blogcategory=Not%C3%ADcia>

Ilú Obá De Min. 2022. Quem Somos

Disponível em: <https://iluobademin.com.br/institucional/quem-somos/>

Leci Brandão. **Enciclopédia Itaú Cultural**, 2021

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12146/leci-brandao>

Leci Brandão Explicando a Música Zé do Caroço. **Imperator Centro Cultural João Nogueira**, 2018.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zmIoYzjMvVM>

Luta por água e memória histórica marca rotina em quilombo no Maranhão. **Marie Claire**, 2018.

Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/07/luta-por-memoria-historica-e-agua-marca-rotina-em-quilombo-no-maranhao.html>

O Levante de Nenê Surreal no Grafite: ‘com os sprays traço minha revolução’. **Ponte**, 2021.

Disponível em:

<https://ponte.org/o-levante-de-nene-surreal-no-grafite-com-os-sprays-traco-minha-revolucao>

